

Marcelo Marinho  
Lícia Soares de Souza  
Josemar de Campos Maciel

(organizadores)

# AMÉRICAS IMAGINADAS

entrelugares mestiços, identidades híbridas





Missão Salesiana de Mato Grosso  
**Universidade Católica Dom Bosco**  
Instituição Salesiana de Educação Superior

Chanceler: Pe. Dr. Afonso de Castro  
Reitor: Pe. José Marinoni  
Pró-reitor Acadêmico: Pe. Dr. Gildásio Mendes  
Pró-reitor Administrativo: Ir. Raffaele Lochi

Catálogo na fonte: Biblioteca "Pe. Félix Zavattaro" - UCDB

---

Américas imaginadas: entrelugares mestiços, identidades híbridas / Marcelo Marinho, Lícia Soares de Souza, Josemar de Campos Maciel (organizadores). – Campo Grande: UCDB, 2007.

204p.

ISBN 978-85-7598-122-1

1. América – Civilização 2. América – literatura  
3. América -- História 4. Etnologia 5. Miscigenação I.  
Marinho, Marcelo II. Souza, Lícia Soares de III. Maciel,  
Josemar de Campos

---

Clélia Takie Nakahata Bezerra  
Bibliotecária - CRB n. 1/757

## SUMÁRIO

**Américas imaginadas: uma trajetória histórica ..... 5**

*Maria Cristina Gobbi*

**Mestiçagem, hibridismo, transculturação, criou-  
lização: encontros imaginados nas Américas ..... 15**

*Eurídice Figueiredo*

**Espaços do literário e espaços romanescos: a li-  
teratura como lugar de uma sociabilidade trans-  
americana ..... 47**

*Jean Morency*

**Louis Riel e Antônio Conselheiro: profetas de um  
continente mestiço ..... 61**

*Licia Soares de Souza*

**Cultura, mito e identidade em João Guimarães Rosa:  
o entrelugar dos jagunços na prosa de ficção ..... 75**

*Marcelo Marinho*

**Práticas de sociabilidade e autonomização da li-  
teratura autóctone nas Américas: a contribuição  
do Quebec ..... 87**

*Hélène Destrempes*

**Beisebol e integração continental em *The Great  
American Novel* de Philip Roth ..... 101**

*Michel Nareau*

**O entrelugar da subjetividade nas Américas: a  
banalidade do mal em Leonard Cohen ..... 113**

*Josemar Maciel*

**A comunidade afetiva em relação à sociedade de direito nas Américas ..... 137**

*Jean Fiset*

**Alterglobalização e recomposição identitária: em direção a novas estratégias de ação nas Américas .. 155**

*Raphaël Canet*

**Fronteiras da comunicação nas Américas: mídia e imaginário mestiços ..... 167**

*Daniela Ota*

*Gladis Linhares Toniazzi*

*Marcelo Marinho*

**Hibridismos e camaleões: identidades inabadas e desejos mutantes ..... 183**

*Patrick Imbert*

**Revisitando quinhentos anos de Américas imaginadas ..... 193**

*Claudine Cyr*

CULTURA, MITO E IDENTIDADE EM  
JOÃO GUIMARÃES ROSA: O ENTRELUGAR  
DOS JAGUNÇOS NA PROSA DE FICÇÃO

*Marcelo Marinho\**

**Brasil, terra de contrastes**

Em sua apresentação de **Raízes do Brasil**, Antônio Cândido, um dos maiores pensadores da cultura brasileira, sublinha os contrastes que marcam, em vários planos e dimensões, a fisionomia desse país continente. O primeiro desses contrastes pode ser observado na forte dicotomia existente entre o universo rural e o espaço urbano, oposição sempre e ainda significativa, apesar – ou em razão – do processo acelerado de concentração de população nas aglomerações urbanas, em detrimento do campo (em HOLANDA, 2000, p. 936).

A dicotomia rural/urbano é assim uma das chaves para se compreender os embates políticos em escala nacional, os quais se concentraram, quando da Primeira República (1889-1930), no campo de combate entre as decadentes oligarquias agrárias e as ascendentes burguesias urbanas. Pelo mesmo viés, a reforma agrária timidamente iniciada pelo presidente João Goulart foi a pretensa desculpa para o golpe de estado aplicado pelos militares em 1964, enquanto o atual governo de centro-

---

\* Universidade Católica Dom Bosco e Centro de Estudos e Pesquisas Sobre o Brasil (CERB/UQAM).

esquerda é desafiado por uma forte mobilização de camponeses e moradores locais por questões de demarcação de terras.

Segundo as pesquisas demográficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1950 a população rural atingia 63,8 % da população total; em 1960, 54,6; 44,1% em 1970; 32,4% em 1980; 24,5% em 1991; 22% em 1996. Nessa perspectiva, as taxas de crescimento absoluto da população rural eram positivas até 1960; ou, em outras palavras, entre nascimentos, mórvidos, chegadas e partidas, a população rural aumentava em média 0,5 % ao ano. Desde então, o meio rural sofreu um declínio relativo e absoluto, perfazendo a média de 22% da população total na virada do século XX para o século XXI, fato que assinala o intenso processo de urbanização da população brasileira.

A velocidade desse processo implica uma forte fluidez da própria noção de identidade nacional, oscilando corrediça entre “a selva e a escola” (“Manifesto da Poesia Pau Brasil”, 1924), entre campo e cidade, entre natureza e cultura, conforme se vê em poema de Carlos Drummond de Andrade (“Explicação”, 1930):

na roça penso no elevador  
no elevador penso na roça.

Tal dicotomia ramifica-se em múltiplos sistemas também dicotômicos, estruturados em torno de questões de distribuição demográfica nacional, de formação étnica da população brasileira, de diferentes características regionais geomorfológicas e climáticas, de práticas religiosas e outras formas de práticas culturais extremamente diversificadas segundo as regiões do país. O conjunto dessas condições confere ao Brasil a qualidade de megadiverso no plano da sociodiversidade, tanto quanto também o é em termos de biodiversidade. O Brasil resulta da justaposição de vários brasis, e a identidade nacional é o entrelugar em que se encontram, quase sempre sob forma antagônica, múltiplas identidades.

Além do mais, é preciso considerar também os graves problemas de distribuição extremamente desigual das riquezas (intangíveis ou materiais), ou antes, de extensa distribuição de pobreza e miséria. Tal aspecto conduz à idéia de que o Brasil pode se conceber como uma espécie de Belíndia, segundo a expressiva metáfora cunhada pelo economista Edmar Bacha: esse é o país no qual uma pequena parcela da população vive confortavelmente em condições iguais àquelas que são encontradas na Bélgica, enquanto a maioria absoluta sobrevive em condições próximas àquelas de algumas dentre as regiões mais pobres da Índia. Essa metáfora espelha a mais perfeita e loquaz síntese desse Brasil, terra de contrastes, segundo a fórmula consagrada em célebre livro de Roger Bastide.

Em outros termos, as diversidades -- ou as disparidades -- econômica, sócio-cultural, étnica, ecológica, levam o conjunto da população a dificilmente intuir o que pode exatamente representar a noção multifacetada de "brasilidade", um verdadeiro mosaico formado de materiais infinitamente diversos, ostentando todas as gradações de cores possíveis. Com exceção de uma língua comum compartilhada por todas as camadas sociais, todos os grupos étnicos e todas as regiões (abstração feita das variantes lingüísticas e das línguas autóctones), os brasileiros encontram-se ainda e sempre em busca de uma solução de continuidade para a construção (ou invenção) de sua identidade coletiva.

A questão da identidade manifesta-se, em um primeiro momento, no próprio emprego da língua portuguesa, em sua variante brasileira, na adoção ou na recusa das variantes regionais ou socioletais. As elites econômicas e culturais servem-se de uma variante neutra, artificial e inicialmente inventada pelo teatro, pelo cinema e pelo rádio, posteriormente retomada e amplamente difundida pela televisão em escala nacional. O domínio dessa forma de linguagem é igualmente um fator de discriminação e de poder. Nessa linguagem neutra, é desnecessário dizer, não há lugar para os contrastes.

Ora, no pensamento latino-americano, como relembra Antônio Cândido, a reflexão sobre a realidade social marca-se, desde Domingo Faustino Sarmiento (entre outros pensadores), pela própria essência dos contrastes ou, por vezes, dos contrários, apresentados como as condições antagônicas sobre as quais a história dos seres humanos e das instituições se ordena. Civilização e barbárie são a base de **Facundo** (1845), do escritor argentino, e, algumas décadas mais tarde, de **Os Sertões** (1902), de Euclides da Cunha. Esses pensadores ordenam literariamente a desordem para demonstrar, em seguida, o conflito que daí decorre. Nessa forma de pensamento, os indivíduos estão dispostos segundo os papéis antagônicos que aí exercem, os indivíduos instalam-se em posições polarizadas de esquemas binários e antitéticos. Naturalmente, civilização e barbárie espelham, muitas vezes, a dicotomia rural-urbano.

Nessa perspectiva, Antônio Cândido ressalta o fato de que **Raízes do Brasil** (1936) estrutura-se sobre uma admirável metodologia dos contrários, que estende e aprofunda a antiga reflexão sobre a dicotomia marcadamente latino-americana. Em várias instâncias de análise de diferentes categorias da realidade, o pensamento de Sérgio Buarque de Holanda se materializa na exploração de conceitos polarizados. Trabalho e aventura, método e capricho, rural e urbano, burocracia e chauvinismo, regras impessoais e impulsões afetivas – tais são os pares dicotômicos que ele sublinha na maneira de ser dos brasileiros, na estrutura sócio-política do país.

Todavia, afirma Antônio Cândido (em HOLANDA, 2000, p. 934), as percucientes análises de Sérgio implicam formulações conceituais que não decorrem da opção prática ou teórica por um ou outro dos pólos antitéticos, como no caso de Sarmiento ou Euclides da Cunha, mas, no viés oposto, pelo jogo dialético entre ambos. A visão de um determinado aspecto da realidade histórica é resultante de um enfoque simultâneo sobre ambos os pólos contrários, como numa imagem

estereoscópica. Um pólo carrega seu oposto, ambos se interpenetram e se entrecem, e o resultado da análise feita por Holanda é portador de uma grande força de esclarecimento. Sérgio descarta-se das tradicionais e excludentes análises planas, bi-dimensionais, para propor uma englobante leitura multiplanar, esférica.

Nesse contexto, o estudioso desta nossa terra de todos os contrastes obterá enorme recompensa (intelectual) ao considerar que, no conjunto da cultura brasileira, a obra romanesca de João Guimarães Rosa é uma referência obrigatória, em razão de sua inovadora proposta de interpretação do país. O romance **Grande Sertão: Veredas** (1956) narra a história de uma guerra sem quartel entre dois bandos de jagunços. Ora assassinos de aluguel, ora guerreiros de exércitos particulares do sertão, os jagunços representam o ponto de passagem entre civilização e barbárie, o entrelugar em que valores positivos (como a coragem, a honra e a fidelidade) confundem-se com resultados negativos (marcados por crueldade, selvageria e truculência). No Brasil, país em que os jagunços ainda fazem parte do tabuleiro político, esse gênero de personagem serve como pretexto a muitos discursos de ficção, da literatura ao cinema, da música à televisão.

Nessa perspectiva, Guimarães Rosa recupera esse mito amplamente compartilhado entre os brasileiros para propor uma abrangente reflexão a respeito das variantes da língua portuguesa falada no Brasil, a respeito dos contrastes que marcam a cultura brasileira, uma reflexão sobre a própria noção multifacetada de “brasilidade”.

Assim é que **Grande Sertão: Veredas**, publicado duas décadas após **Raízes do Brasil**, toma emprestadas certas noções propostas por Sérgio Buarque de Holanda, principalmente a idéia de que a síntese é a forma ideal para locupletar os abismos vorazes que separam pólos antitéticos, quando se trata de explicar um país de tantos contrastes. Inicialmente, a

própria escolha da personagem principal do romance – um guerreiro desdobrado em poeta, que percorre as veredas do Brasil profundo – já assinala as marcas da ambivalência da cultura brasileira. Aliás, nas articulações entre os significados de “grande sertão” e de “veredas”, o título paratático do romance é igualmente portador de inúmeras antíteses, cujas fronteiras míticas se esvaem na própria parataxe: morte/vida, estéril/fecundo, amplidão/limitação, aridez/umidade, terra/água, vermelho/verde, calor/frescor, superfície/linha, estático/dinâmico, mineral/vegetal.

O guerreiro-poeta, protagonista da história, chama-se Riobaldo, ou “R-io-bardo” (Rosa-eu-poeta), para retomar o dialeto caipira do sertão e as indicações do romancista de que sua obra é uma “autobiografia irracional”. Contudo, o guerreiro torna-se “Urutu Branco” após um suposto pacto com o demônio – ou, com mais propriedade, com os “des-mots”, com as palavras (vale notar o plurilingüismo característico desse romance, cujo autor é um médico e embaixador poliglota, praticante de vinte e um idiomas diferentes). Ora, o sintagma “urutu branco” é um dos signos privilegiados da fundamental dicotomia nacional, pois os urutus são serpentes da família dos crotalos (ou crotalídeos), espécie cuja cor é sempre escura, com exceção de alguns raros exemplares albinos. Assim, “urutu branco” corresponde a um oxímoro, figura de linguagem que busca harmonizar duas idéias mutuamente excludentes, resultando numa síntese de duas noções antitéticas.

Nesse contexto, o comparativista Daniel-Henri Pageaux sugere que “urutu” (um vocábulo do nheengatu, da “língua geral” tupi-guarani, outrora falada no Brasil) deve ser tomado como uma referência à cultura autóctone (mas também ao universo rural, à “floresta” de que trata Oswald de Andrade em seu famoso Manifesto), enquanto “branco” seria antes uma referência aos europeus que conquistaram o território americano (e que poderiam, nesse caso, representar o espaço urba-

no, no contexto da presente análise, a “escola” de que fala Oswald). O que pudesse haver de esquemático e antitético na proposição de pares mutuamente excludentes encontra-se diluído na imagem oximórica do “urutu branco”, encontra-se reconstituído em uma visão estereoscópica mais abrangente e sintetizante dos mitos fundadores do continente americano, dos fatos e noções antitéticos relativos à formação dos povos e culturas desse continente, sobretudo com relação ao Brasil, país de todos os contrastes, mas também país de todas as mestiçagens (MARINHO, 2003).

O leitor terá observado o caráter aberto e paradoxal das propostas lançadas por Guimarães Rosa, característica que o autor toma emprestada da cultura popular brasileira, das formas de comunicação das comunidades rurais do sertão, marcadas por uma linguagem ao mesmo tempo sentenciosa e lacônica, paratática e elusiva, reflexo da intuição de que o universo jamais revelará seu sentido. Assim é que, em seu romance, o autor apela constantemente para a participação do leitor, com o intuito de convidá-lo a participar da construção de sentidos, como nesta passagem: “Nome não dá: nome recebe.” (ROSA, 1993, p. 134). Riobaldo (desdobramento poético-ficcional do autor, como já se constatou) sugere, por conseqüência, que os nomes apresentados no texto não saberiam atribuir, de maneira explícita, significados ao leitor. Mais adequadamente, o nome convida o leitor a completar a sua significação, toma o sentido que o leitor poderá lhe atribuir, em função de sua sensibilidade diante do texto.

Tal seria a obra aberta preconizada por Guimarães Rosa, aquela que se abre com o travessão próprio do texto impresso e aquela ainda que se encerra, de forma paradoxal com o símbolo “∞”, a lemniscata impressa sobre a página que conclui provisoriamente o romance, mas relança o leitor no espaço aberto de universo privado de limites. Assim como na cultura popular, o correção nome, nesse romance, corresponde a o

perfeito reflexo do universo, o qual sonega seu significado, recusa-se a revelar seu sentido diante dos atoleimados sentidos dos seres humanos. O correção nome, nesse romance, é também o reflexo da cultura brasileira, naquilo que ela carrega de antitético em sua síntese, naquilo que ela demonstra de múltiplo e imponderável.

Ana Maria Machado, em sua análise da função do nome em **Grande Sertão: Veredas**, afirma que os nomes (e seu agenciamento) buscam intuir e representar aquilo que é dinâmico e transformável. Tais nomes admitem múltiplas leituras, e o fato de que um só objeto, personagem ou noção possa ter vários nomes, indica que a polinomia vem se reunir à polissemia para perturbar ainda mais os sentidos (MACHADO, 1991, p. 27). Ora, um tal emprego da língua é paradoxal, posto que contradiz a visão habitual que nós podemos ter do universo e do discurso que supostamente representa esse universo.

O paradoxo, como afirma Monique Balbuena em sua análise da obra roseana, constitui uma maneira privilegiada de acrescentar significantes camadas palimpsésticas ao texto, acrescentar significações ao universo. Para complementar a sua asserção, a crítica e tradutora cita o romancista: “os paradoxos existem para que se tenha sempre a possibilidade de exprimir as coisas para as quais as palavras não existem”. Balbuena sublinha ainda que o paradoxo é uma forma de insistir sobre a interrogação, sobre a dúvida, sobre a interpretação sempre inacabada e inacabável, pois ele exige a formulação de textos e ainda outros textos mais, os quais se superpõem uns aos outros, como em uma gaiola cujas paredes sejam espelhos (BALBUENA, 1994, p. 115).

Em relação à descrição paradoxalmente alusiva e elusiva do universo por intermédio da literatura (descrição, neste caso, solidamente esteada na linguagem popular regional, na linguagem mítica do jagunço, paradigma especular do sertanejo e dos brasileiros), e entre as figuras de retórica mais recorrentes

tes em Guimarães Rosa, as parataxes e os oxímoros parecem concentrar em si uma emblemática concepção da literatura adotada pelo romancista, sempre com um olhar atento sobre a cultura nacional. Nessa concepção, o texto literário torna-se espaço do vago e do impreciso, do ambíguo e do ambivalente, da palavra plurissignificante e do leitor em busca permanente de significação. Ora, tais condições refletem a própria imagem da cultura brasileira, a própria imagem da busca de identidade do povo brasileiro. Os oxímoros, em função do seu poder de condensação dessas noções carregadas de idéias antagônicas, seriam talvez a mais emblemática figura de retórica desse romance e dessa cultura.

Os oxímoros tornam possível a criação de planos de leitura nos quais noções antagônicas se chocam e forçam a indeterminação do significado, forçam a participação do sujeito no processo de decodificação do signo, conduzem o texto rumo ao nascimento da obra aberta – e seria aqui necessário pensar uma vez mais na sugestiva lemniscata final do romance. O oxímoro, nesse sentido, é a expressão lingüística da *coincidentia oppositorum*, é o reflexo das “formas do falso” (ROSA, 1993, p. 318) de que trata o romancista, é a imagem sintética das ambigüidades e ambivalências difusas nas páginas do romance, assim como no conjunto da cultura que deu nascimento a esse romance-síntese. E Riobaldo, transposição do mito do jagunço para o plano simbólico-literário, representa a própria essência do caráter antitético da cultura brasileira, aspecto sublinhado por Sérgio Buarque de Holanda em seu monumental **Raízes do Brasil**.

É preciso assim observar que a linguagem utilizada por Guimarães Rosa, espaço em que neologismos se juntam a oxímoros e parataxes, é, em realidade, a síntese – já operada pelas camadas populares – das línguas de mais diversas origens faladas no Brasil por diferentes comunidades. Em Rosa, encontram-se vocábulos das línguas autóctones (em torno de 180

sobrevivem no país, de um total estimado em 1000 idiomas falados quando da chegada dos portugueses) e africanas (que hoje ganham interesse e prestígio renovados), assim como dos idiomas trazidos ao país por imigrantes. Claro está que o romance transpõe à cultura letrada (urbana, no presente caso) os feitos lingüísticos das comunidades rurais, sobretudo sertanejas. Nesse aspecto, esse romance torna-se também uma imagem especular e metonímica da transferência de populações rurais aos espaços urbanos, processo de forte intensidade no Brasil do século XX, tal como se viu no início desta reflexão sobre as articulações entre cultura, mito e identidade na obra romanesca de Guimarães Rosa.

Os críticos são igualmente unânimes em reconhecer, em Rosa, o abrasileiramento das palavras de diferentes origens idiomáticas, processo freqüente nas páginas do romance. Tal aspecto estilístico pode ser considerado como uma retomada dos procedimentos espontâneos levados a efeito pela população, não apenas no Brasil ou nas Américas, mas também em todos os processos de migração e de fricção cultural que ocorrem neste planeta-vilarejo.

Com base no conjunto de fatos até aqui observados, vale ressaltar, mais uma vez, que **Grande Sertão: Veredas**, em função de sua natureza essencialmente oximórica, busca propor uma síntese romanesca de todos os contrastes, de todos os contrários, de todos os pares antitéticos que determinam o caráter do povo brasileiro e que, por tal razão, constituem as próprias raízes do Brasil.

Com base nas articulações e relações que se estabelecem, no Brasil e em Guimarães Rosa, entre língua, literatura e cultura, não se pode obviamente falar de “cultura híbrida”, conceito desenvolvido por Nestor Garcia Canclini. Observa-se, desde já, que os seres híbridos são estéreis – condição que não reflete de forma alguma o caso da cultura brasileira. Ademais, em sua forma física, os seres híbridos conservam aspectos bem

definidos de entidades mistas, com linhas divisórias claras e precisas. Pégaso, por exemplo, é um ser híbrido cujo corpo de cavalo e asas de pássaro mostram claramente seu ponto ao mesmo tempo de junção e separação. Sereias, centauros e outros seres míticos assim também se caracterizam. Pelo viés oposto, os entes oximóricos (note-se o “urutu branco”) representam um amalgama indissociável de contrários, sem pontos precisos ou visíveis de junção e separação. Exatamente como na cultura brasileira, uma cultura fortemente oximórica.

Nessa perspectiva, entre cultura e mitos nacionais, o romance oximórico **Grande Sertão: Veredas** é considerado uma das mais adequadas expressões da identidade nacional brasileira, ainda que tal relação seja antes intuída do que explicitada pelo conjunto de leitores-admiradores dessa obra. Esta seria uma das razões para que o romancista atraia multidões sedentas de identidade quando de congressos e eventos que lhe são consagrados, como aqueles que se realizaram por ocasião dos 50 anos de publicação de **Grande Sertão: Veredas** (2006), dos 40 anos da morte enigmática do escritor poliglota (2007), assim como aqueles que se preparam para celebrar os 100 anos de nascimento (2008) do genial inventor do mítico Riobaldo. Tal seria igualmente uma razão para que sua obra tenha se tornado a meca dos críticos brasileiros e dos críticos estrangeiros que se interessam pelos problemas de cultura e identidade do Brasil.

### A título de conclusão provisória

A partir dos conceitos que se podem apreender nas páginas de **Grande Sertão: Veredas**, observa-se que Riobaldo se concebe como uma reapropriação simbólica do mito do jagunço, um mito amplamente compartilhado na cultura brasileira, nas páginas de um romance que propõe toda uma reflexão a respeito dessa mesma cultura, uma cultura antitética ou, com mais

propriedade, uma cultura intensamente oximórica, uma vez que sintetiza as antíteses. A reflexão poético-lingüística roseana, que abarca as inflexões rurais e urbanas da língua portuguesa falada no Brasil – em suas variantes populares e regionais, em detrimento do sucedâneo lingüístico e estéril criado para uso das elites –, é portanto uma reflexão sobre a própria condição de ser brasileiro, sobre a própria noção de brasilidade.

É desnecessário dizer que uma tal reflexão, de natureza poética, é exatamente o reflexo daquela que foi proposta, em meio acadêmico, por Sérgio Buarque de Holanda. Nessa perspectiva, o primeiro grande mérito desse romance-síntese é o de permitir a vulgarização – extremamente eficaz em função do caráter difuso e alusivo das noções desenvolvidas – dessas noções de grande pertinência para a compreensão e a consolidação da corredeira identidade nacional.

## Referências

BALBUENA, Monique (1994). **Poe e Rosa à luz da cabala**. Rio de Janeiro: Imago.

COUTINHO, Eduardo de Faria (org.) (1983). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (2000). **Raízes do Brasil**. Introdução de Antonio Candido. Em: *Intérpretes do Brasil*. v. III. Rio de Janeiro: Aguilar. p. 899-1102.

MACHADO, Ana Maria (1991). **Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens**. São Paulo: Martins Fontes.

MARINHO, Marcelo (2003). **João Guimarães Rosa**. Paris: L'Harmattan.

ROSA, João Guimarães (1993). **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (original de 1956).